

REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO TUTOR NA EAD

CONSIDERATIONS ON THE ROLE OF ONLINE TUTORS IN DISTANCE EDUCATION

REFLEXIONES SOBRE EL PAPEL DEL TUTOR EN LA EAD

Alvaro Martins Fernandes Júnior

Doutorando em Educação. Professor do Centro Universitário Internacional UNINTER. : Currículo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. E-mail: alvarojunior777@gmail.com

Jorge Luiz Bernardi

Doutor em Gestão Urbana pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC-PR. professor no Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: jorgebernardi18@gmail.com

RESUMO

Considerando o cenário da Educação a Distância no Brasil e sua importância enquanto possibilidade de democratização da educação superior, este texto tece reflexões a respeito do papel do tutor nos ambientes virtuais de aprendizagem, usuais em cursos oferecidos nesta modalidade. O texto inicia com algumas ponderações filosóficas que revelam a influência que o conhecimento (ou sua falta), exerce sobre a humanidade, considerando-se que é pela construção de conhecimento que se favorece a superação de desigualdades e melhor qualidade de vida. Nesse sentido, apresenta-se a modalidade a distância como uma possibilidade de autonomia e emancipação social, sendo necessário pensar a respeito do papel do tutor neste horizonte. Finalmente o texto conceitua o ambiente virtual de aprendizagem, preconizando alguns princípios relevantes na aprendizagem de adultos.

Palavras-chave: Educação a distância e tutoria. Tecnologia e educação. Ambiente Virtual de aprendizagem.

ABSTRACT

Considering the scenario of Distance Education in Brazil and its importance as a possibility for the democratization of higher education, the following paper reflects on the role of the online tutor within virtual learning environments, which are usual in programs offered in such modality. The text begins with some philosophical considerations that reveal the influence that knowledge (or its lack), exerts on humanity, considering that the construction of knowledge favors the overcoming of inequalities and a better quality of life. Thus, distance education is seen as a possibility of autonomy and social emancipation, where the role of the online tutor is paramount under such perspective. Finally, the text conceptualizes the virtual learning environment, advocating some relevant principles in adult learning.

Keywords: Distance education and tutoring. Technology and education. Virtual learning environment.

RESUMEN

Considerando el escenario de la Educación a Distancia en Brasil y su importancia como posibilidad de democratización de la educación superior, este texto teje reflexiones acerca del papel del tutor en los ambientes virtuales de aprendizaje, usuales en cursos ofrecidos en esta modalidad. El texto comienza con algunas ponderaciones filosóficas que revelan la influencia que el conocimiento (o su falta), ejerce sobre la humanidad, considerando que es por la construcción de conocimiento que se favorece la superación de desigualdades y mejor calidad de vida. En ese sentido, se presenta la modalidad a distancia como posibilidad de autonomía y emancipación social, siendo necesario pensar acerca del papel del tutor en este horizonte. Finalmente el texto conceptualiza ambiente virtual de aprendizaje, preconizando algunos principios relevantes en el aprendizaje de adultos.

Palabras clave: Educación a distancia y tutoría. Tecnología y educación. Entorno virtual de aprendizaje.

INTRODUÇÃO

Sempre que estiver em dúvida, ou quando o ego crescer muito em você, faça o seguinte [...] lembre-se do rosto do homem mais pobre e desvalido que tenha visto, e pergunte-se se o passo que você está pensando em dar será de alguma utilidade para ele. Esse passo fará com que ele ganhe alguma coisa? Devolver-lhe-á o controle sobre sua vida e seu destino? Em outras palavras, levará *swaraj'* aos milhões de famintos e aos espiritualmente carentes? Você verá então sua dúvida e seu ego se dissolverem” (Mahatma Gandhi)

O texto inicia-se com essa epígrafe de Gandhi lembrando que aqueles que possuem o acesso à Educação devem trabalhar de forma virtuosa e com sabedoria para que todos tenham acesso a ela também. Na contemporaneidade isso requer uma reflexão ética, e, portanto, se revela a importância de utilizar o conhecimento como forma de propiciar melhores condições para aqueles que não as possuem. De acordo com o filósofo Sócrates, deve-se entender o conhecimento como a busca pela felicidade, em que “conhecer a si mesmo” priva o homem de cometer ignorâncias. Na mesma perspectiva, no auge do Renascimento, surge Immanuel Kant, abordando a importância da educação para que o homem não seja bárbaro.

Seu contemporâneo, o filósofo moderno Francis Bacon pretendia uma grande renovação: reformar as ciências para passar de um saber especulativo para um saber ativo, e para isso, planejou uma grande obra intitulada de “Instauratio Magna” (a grande instau-

1 Autogovernança dos sujeitos.

ração), ressaltando que as ciências deveriam transformar a vida do homem e trabalhar a seu favor.

Bacon admitia que a evolução de conhecimentos e de técnicas, assim como as reformas sociopolíticas e o progresso das ciências e da filosofia oportunizariam uma ampla reforma do conhecimento, o que poderia ser ainda uma reforma importante na vida humana. (BACON, 1999).

Por meio de uma reforma no conhecimento o homem chegaria a novas explicações. Em sua obra *Novum Organum*, no IX aforismo ele afirma, “a verdadeira causa e raiz de todos os males que afetam as ciências é uma única: enquanto admiramos e exaltamos de modo falso os poderes da mente humana, não lhe buscamos auxílios adequados”, ou seja, ao invés de especular a natureza, o homem deveria dominá-la, a filosofia deveria ser também algo prático, em que saber é poder.

Mais contemporaneamente, e menos empolgado com as perspectivas do conhecimento humano, nos deparamos com a fala de Harari (2016) de que embora estejamos inseridos na sociedade do conhecimento, e embora pestes tenham sido exterminadas, a paz reine entre a maioria dos povos e o número de pessoas felizes tenha aumentado, o ser humano ainda busca mais, a sua transformação de *Homo Sapiens* para *Homo deus*, afinal, “a agenda dos que vivem em palácios é diferente da dos que vivem em barracos e não é provável que isso vá mudar no século XXI” (2016, p. 64).

Domenico de Masi (2014, p.17) faz uma constatação óbvia “Nunca como agora o planeta foi habitado por uma massa tão grande de matéria cinzenta escolarizada. Somos o maior cérebro coletivo que jamais existiu, que continuará crescendo nas próximas décadas.” Então, é hora de passar a refletir em virtude de causas mais nobres, em favor daqueles que nunca foram o centro das discussões.

Na contemporaneidade “vemo-nos forçados a reconhecer que o que está em crise não é a realidade, mas sim, a nossa maneira de interpretá-la, uma vez que as categorias mentais oriundas da época industrial já não são capazes de explicar o presente, acabamos sendo induzidos a desconfiar do futuro”. (DE MASI, 2014, p.17).

Atualmente, se vive em um estado de crise constante (BAUMAN; BORDONI, 2016),

oriundo de uma também constante inversão de valores em que a sociedade se vê, como uma “sociedade sem conhecimento” regida pelo interesse dos abastados ao invés de encontrar meios de prover a igualdade, e conseqüentemente o desenvolvimento. O filósofo Enrique Dussel (2000) é enfático ao afirmar que os discursos éticos vigentes não consideram a realidade mundial, e que seus formuladores não realizam um juízo ético do sistema histórico-social em que estão imersos, e a consideram apenas como uma realidade utópica.

Tomando as palavras de Bauman (2001) a realidade que está posta é líquida, não conserva a forma, está sempre aberta a mudança, não se fixa no espaço e nem ao tempo e é leve e fluída.

O que torna ‘líquida’ a modernidade, e assim justifica a escolha do nome, é sua ‘modernização’ compulsiva e obsessiva, capaz de impulsionar e intensificar a si mesma, em consequência do que, como ocorre com os líquidos, nenhuma das formas consecutivas de vida social é capaz de manter seu aspecto por muito tempo. (BAUMAN, 2013, p. 16)

Assim, dissolve-se o que é sólido e, ao contrário do que acontecia antes, o que foi dissolvido não deve ser substituído por outra forma sólida ou permanente, pois nada deve resistir a liquefação. Tudo é inconstante na modernidade líquida, modelado de modo a se ajustar às liberdades de escolha de cada indivíduo, aceitando com imparcialidade todos os gostos, todas as opiniões, todas as formas de viver, afastando padrões mais rígidos. Em acordo com ele, o indiano Capra (2006, p.18) assevera que,

Quando estruturas sociais e padrões de comportamento tornam-se tão rígidos que a sociedade não pode mais adaptar-se a situações cambiantes, ela é incapaz de levar avante o processo criativo de evolução cultural. Entra em colapso e, finalmente, desintegra-se. Enquanto as civilizações em crescimento exibem uma variedade e uma versatilidade sem limites, as que estão em processo de desintegração mostram uniformidade e ausência de inventividade. A perda de flexibilidade numa sociedade em desintegração é acompanhada de uma perda geral de harmonia entre seus elementos, o que inevitavelmente leva ao desencadeamento de discórdias e à ruptura social.

A própria contextualização da sociedade demonstrada pelos autores supracitados é uma prova das incertezas que encabeçam e definem a contemporaneidade, pois o que

Bauman chama de líquido pela fluidez e leveza, Capra chama de rígido pelo fato de não serem facilmente adaptáveis e flexíveis. Nomenclaturas paradoxais para o mesmo tempo e que intentam descrever a mesma sociedade.

É com mais educação que se constrói uma sociedade democrática. É ela o instrumento essencial para inibir a disseminação e perpetuação de carências e dificuldades entre as gerações. É só pelo acesso ao conhecimento que se permite visão de futuro, embasamento para escolhas de vida melhores e fortalecimento de superação de desigualdades nas camadas desfavorecidas.

Confia-se aos cuidados da educação, a esperança de que esta venha contribuir para a evolução e a prosperidade da humanidade, considerando-se os preceitos de sustentabilidade e democracia. Deste modo, é possível reduzir a fome, a segregação social, a privação de oportunidades, a insegurança em todos os âmbitos, problemas comuns que afligem e aniquilam populações ao redor do mundo. (ALMEIDA; ALMEIDA; FERNANDES JUNIOR, 2018, p. 603)

Sendo tradicionalmente responsáveis pela criação e disseminação do conhecimento científico, as instituições de ensino superior funcionaram de modo autônomo e independente de outras esferas da sociedade por muito tempo. Com o advento da disponibilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), e conseqüentemente a globalização que apresentou o mundo como uma aldeia global (tal qual proposto por Marshall McLuhan em 1960), houve uma diminuição das fronteiras e um estreitamento dos laços em diversos setores, tais como a economia, a política e a educação.

Deste contexto enriquecido pelas tecnologias de informação e comunicação, emergem os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), uma TDIC que está no ciberespaço e possui interfaces amigáveis que promovem a melhor interação entre instituições de ensino (majoritariamente de ensino superior) e aprendentes. O AVA impele a prática autônoma do usuário, permitindo que se realize aprendizagens coletivas ou individuais. Ele atua como um disseminador de conhecimento e promotor de trocas de aprendizagens.

É necessário, porém, atentar para o fato de que não basta automatizar o espaço da sala de aula para se garantir ensino de qualidade, ou ainda criar ou utilizar ambientes virtuais de aprendizagem. Muitos docentes vestem uma ultrapassada metodologia com

nuances de tecnologia e o resultado tende a ser catastrófico. Os discentes têm grande facilidade em manipular as tecnologias e, muitas vezes, compreendem quando o docente se sente inseguro com relação a utilização das mesmas.

EAD como proposta de emancipação social e o papel do tutor

Muitos são os autores que se propõe a pensar o processo de ensino e de aprendizagem como uma proposta de justiça, equanimidade e de emancipação social, entre eles Nóvoa (1995) Gimeno Sacristán; Pérez Gomez (1998), Apple (1989) e Santomé (2013).

No cenário contemporâneo, torna-se impossível ver o educador sem consciência de seu papel político tanto na instituição de ensino quanto na sociedade, pois cabe a ele intervir na análise de assuntos públicos e também de provocar os estudantes para que pensem criticamente sobre os problemas sociais da sociedade de um modo geral.

Comprometer-se com uma educação crítica e libertadora obriga a investigar em que medida os objetivos, os conteúdos, os materiais curriculares, as metodologias didáticas e os modelos de organização escolar respeitam as necessidades dos distintos grupos sociais que convivem em cada sociedade. (TORRES SANTOME, 2013, p. 9).

É preciso ficar claro que os programas de formação de professores devem se ocupar do desenvolvimento das capacidades reflexivas, mediante o que Gimeno Sacristan e Pérez Gomez (1998) caracterizam como um modelo processual em que, se desejamos que nossos alunos apresentem comportamento democrático, por exemplo, faz-se imprescindível que sejamos democráticos em nosso modo de ensinar. Isso exigirá de nós que, ao pensar o currículo, aprofundemos os nossos conhecimentos sobre os valores educativos que desejamos ver em nossos alunos, estampados em nossa prática cotidiana.

Nesse enfoque a prática profissional do docente é considerada com uma prática intelectual e autônoma, não meramente técnica. É um processo de ação e de reflexão cooperativa, de indagação e experimentação, no qual o professor aprende a ensinar e ensina porque aprende, intervém para facilitar, e não para impor nem substituir a compreensão dos alunos, a reconstrução de seu conhecimento experiencial; e ao refletir sobre sua intervenção exerce e desenvolve sua própria compreensão. (GIMENO SACRISTÁN; PÉREZ GOMEZ 1998, p. 379)

A EAD, por meio de seu corpo docente, pode, e deve propor que seus alunos discutam e saibam duvidar das verdades postas, mantendo viva sua curiosidade epistemológica pois a nova sociedade do século XXI precisa desenvolver um entendimento da realidade mais coerente e argumentativo, submetido à reflexão, permitindo que cada vez mais pessoas desejem e possam mudar a realidade em que vivem, com autonomia e emancipação.

Conceito de autonomia e emancipação

Importante compreender o significado de autonomia e de emancipação. Silveira Bueno (2000, p. 17) conceitua autonomia como “1. A faculdade de se governar por si mesmo; direito ou faculdade de se reger por leis próprias; emancipação; independência.” Também se encontra que um ser autônomo é aquele que se governa por leis próprias; independente; livre.

Paulo Freire (1996) analisa o processo de ensino e de aprendizagem sob a luz de uma ação que permite ao educando que possa construir gradualmente a sua independência no sentido de sua intelectualidade, de acordo com sua autonomia:

Se trabalho com crianças, devo estar atento a difícil passagem ou caminhada da heteronímia para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos, se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar com relação a que o meu trabalho possa significar com estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e à espera de superação. Primordialmente, minha posição tem que ser de respeito à pessoa que queira mudar ou que recuse mudar. Não posso negar-lhe ou esconder-lhe minha postura, mas não posso desconhecer o seu direito de rejeitá-la. Em nome do respeito que tenho aos alunos não tenho por que me omitir, por que ocultar a minha opção política, assumindo uma neutralidade que não existe. (FREIRE, 1996, p. 70).

O que se pode verificar aqui é que o processo de ensino e de aprendizagem precisa ser uma ação compartilhada que permita aos alunos construir com suas experiências, o seu conhecimento e é isso que o libertará e o tornará apto a transformar sua própria realidade e o que está a sua volta. Ser autônomo é, portanto, poder não apenas ter liberdade para

escolher os caminhos que pretende seguir, mas poder fazer este caminho, no sentido de construí-lo.

O autor exemplifica que não é possível amanhecer um dia mais maduro, pois isto é uma construção diária, e cabe ao educador a tarefa de, não apenas acompanhar este processo de maturação, mas estimular para que o aluno decida libertar-se, amadurecer e incansavelmente buscar a autonomia e conseqüente amadurecer individual e socialmente.

Morin (2000) avalia que é preciso ultrapassar o ensino livresco e a assimilação de conteúdos estabelecidos em um currículo (o que Paulo Freire chamará de educação bancária ou aquela em que se “deposita” um conhecimento na cabeça do aluno, como se isso fosse um ato possível), sendo papel do professor não a transmissão ou transferência de saberes, mas o encorajamento ao autodidatismo, instigando a pensar, a ser reflexivo, criativo e crítico:

O termo formação com suas conotações de moldagem e conformação, tem o defeito de ignorar que a missão do didatismo é encorajar o autodidatismo, despertando, provocando, favorecendo a autonomia do espírito. O ensino, arte ou ação de transmitir os conhecimentos a um aluno, de modo que ele os compreenda e assimile, tem um sentido mais restrito, porque apenas cognitivo. (MORIN, 2000, p. 10).

Morin afirma que a complexidade não pode seguir receitas prontas, pois o desafio da educação é ensinar a pensar, respeitando os conhecimentos prévios que cada educando apresenta e que são diferentes entre si, tendo em vista que diferem de família, de costumes e de culturas. O autor reflete ainda que “o pensamento complexo comporta em seu interior um princípio de incompletude e de incerteza” (2000, p. 177), corroborando com Freire que enfatiza que o saber é sempre inconcluso, pois está em constante construção.

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado. Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo. (FREIRE, 1996, p. 53)

Se somos inconclusos e vivemos num mundo de incertezas conforme apontam os autores, a educação, independente da modalidade escolhida ou possível de ser cursada, se faz necessária no sentido de ser um processo permanente que permite construção, elaboração, atualização, inter-relação e disseminação de novos conhecimentos, garantindo autonomia no processo de aprendizagem.

Já quanto ao conceito de emancipação, o dicionário aponta para: “1. Tornar independente. 2. Libertar-se”. (BUENO, 2000, p. 276). Na visão de Freire e Morin, emancipa-se o sujeito que consegue assumir responsabilidade sobre suas aprendizagens, sobre seu percurso acadêmico, sobre a construção de seus saberes. Freire ao longo de sua obra “Pedagogia da autonomia” refere-se a autonomia e emancipação enquanto prática de pesquisa e de liberdade. Cabe aqui o papel do professor ou do tutor ao voltarem-se para as suas próprias práticas de pesquisa:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando e reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar e, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p. 32)

É considerando que o ato pedagógico é um ato político, mas que não pode deixar de ser reflexivo e dialógico que Freire aponta o poder que o ato de educar possui de transformar a sociedade. Para que seja realmente transformador é necessário que o docente seja ativo, criativo, atento as questões locais e compreenda as concepções pedagógicas adotadas nos documentos oficiais (ex: PPP, PPC, PDI)² da Instituição que trabalha.

Freire ressalta também que diálogo, discussão, argumentação e crítica resultam na possibilidade de se construir novos conhecimentos, mas que, sem esperança, não se faz possível nem pensar em educação.

Ambiente virtual de aprendizagem e tutoria

² Planejamento Político Pedagógico, Projeto Político Pedagógico de Curso e Planejamento de Desenvolvimento Institucional

Muitos autores gostam de caracterizar a EaD salientando a separação espaço-temporal entre professores e alunos. Sabe-se que essa lacuna existe até mesmo no ensino presencial, pois, muitas vezes, o estudante está presente, mas com o pensamento tão distante que, ao término da aula, nem sabe sobre o que o professor apresentou durante a aula. Outras vezes, os educadores fazem tanta questão de utilizar um vocabulário riquíssimo que também não conseguem se fazer entender.

Que presenças são essas? A educação se faz “com” e “para” as pessoas. Assim, por trás da tecnologia, dos materiais impressos ou virtuais e das aulas disponibilizadas em vídeos, existem pessoas – e todas elas, independentemente do papel que desempenham, devem estar comprometidas com a qualidade da educação. O tutor é o sujeito responsável pela relação entre professor formador e aluno e precisa de formação específica para poder atender a demanda que o processo de ensino e de aprendizagem em um AVA pede.

É importante lembrar que o aluno desempenha um papel central no ambiente virtual de aprendizagem, sendo, portanto, seu principal sujeito e para onde as ações educativas dos tutores devem convergir. Tanto os alunos, quanto os tutores são, muitas vezes, despertados a vislumbrar a possibilidade de trabalhar na educação a distância, levando em consideração algumas facilidades que tal modalidade oferece, por exemplo, desempenhar suas atividades em qualquer período do dia ou da noite. A EAD é, também, considerada uma modalidade de vanguarda, pois se utiliza de distintas metodologias que envolvem tecnologias de comunicação, e, assim, muitos professores desejam atuar na mesma para se sentirem mais valorizados e, de certo modo, com outras opções de empregabilidade, necessitando para isso, de formação específica.

De todo modo, um ambiente virtual de aprendizagem é muito diferente de uma sala de aula convencional e qualquer docente, sem experiência, precisa de capacitação específica para atuar de modo efetivo, contribuindo para o sucesso na aprendizagem dos alunos. Na verdade, as competências para a prática online precisam ir além do uso da tecnologia, convergindo para a utilização que os alunos fazem dela mesmo quando fora da sala de aula. Palloff, (2004, p. 60), apresenta princípios relevantes na aprendizagem de adultos,

que devem ser considerados quando se planeja a capacitação de tutores para atuarem em ambientes virtuais:

Figura 1 – Princípios relevantes na aprendizagem de adultos

| | |
|---|---|
| Princípios relevantes na aprendizagem de adultos | Os adultos aprendem melhor quando sua experiência é reconhecida e o novo conhecimento é construído sobre o conhecimento e a experiência anteriores; |
| | Os adultos são intrinsecamente e extrinsecamente motivados a aprender; e preferem ser alunos ativos do que passivos; |
| | Todos os adultos possuem formas preferidas de aprendizagem e processamento de informações; |
| | É pouco provável que os adultos participem de situações de aprendizagem, a não ser que essas tenham sentido para eles; |
| | Os adultos são pragmáticos em sua aprendizagem e desejam aplicar diretamente o que estão aprendendo; |
| | Os adultos chegam até as situações de aprendizagem com metas e objetivos pessoais que podem não se alinhar as metas e aos objetivos planejados; |
| | Os adultos aprendem usando meios colaborativos e interdependentes, bem como independentemente; |
| | Os adultos são mais receptivos à aprendizagem quando ela ocorre em ambientes física e psicologicamente confortáveis. |

Fonte: Palloff, 2004, p. 60

É importante que os participantes dos ambientes virtuais de aprendizagem sintam-se à vontade e atraídos para a comunicação e a interação, diminuindo a impressão da distância entre tais partícipes. O docente que observa e direciona o processo, deve sempre pensar modos de minimizar a distância transacional, gerando circunstâncias que comportem tanto contato docente-discente, quanto discente-discente.

O fundamento básico da aprendizagem colaborativa em ambientes virtuais fica à mercê da interação entre os partícipes do processo, tendo como objetivo fundante melhorar as habilidades destes para que consigam juntos construir novos conhecimentos.

Desenvolver atividades de ensino e aprendizagem no meio digital implica em lidar com a complexidade de situações educacionais evidenciadas por esse meio, enfrentar novos desafios relacionados às especificidades da comunicação multidirecional. Implica também em utilizar o potencial da interatividade com os objetos de conhecimento, quer oriundos das informações pré-definidas para orientar o trabalho dos alunos, quer das interações entre participantes e suas respectivas produções (ALMEIDA, 2005, p. 75).

Os apontamentos de informação que ocorrem na mediação da cooperação em um ambiente virtual têm por objetivo expandir e promover a compreensão de conceitos entre os partícipes, buscando atenuar a incerteza, ou a falta de conhecimento ou ainda respostas erradas, imprecisas que levem a definições contraditórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto teve por objetivo estabelecer alguns pontos de reflexão a respeito do papel do tutor no desempenho de suas funções no processo de ensino e de aprendizagem na modalidade a distância. A princípio, delineou-se o cenário filosófico do conhecimento frente as perspectivas de cada tempo histórico, chegando-se a contemporaneidade com a certeza de que é preciso democratizar o acesso ao conhecimento para que todos possam, de modo crítico, refletir sobre o mundo em que vivem e seu papel no mesmo, fundamentando suas escolhas e fortalecendo a superação das desigualdades.

No cenário da educação superior na modalidade EAD, evidencia-se a importância da autonomia e emancipação dos alunos, nesse sentido, o texto buscou estabelecer conceitos sobre estes termos, enfatizando que uma proposta de emancipação social deve permitir que, coletivamente, os sujeitos sejam hábeis para transformar de maneira positiva e harmônica o ambiente em que estão inseridos. Se é por meio da educação que se deseja transformar a sociedade, é imprescindível o reconhecimento de instituições de ensino e seus respectivos corpos docentes como elementos fundantes. Assim, é salutar que alunos e professores sejam críticos, criativos, reflexivos e com desejo de mudar os paradigmas postos e impostos, uma vez que o atual já não se faz mais condizente com as novas necessidades.

Ressaltou-se a importância do papel do aluno no cenário da EAD e mais especificamente no ambiente virtual de aprendizagem, lembrando que o tutor trabalhará com adultos e que o modo como estes aprendem baseia-se em distintos princípios que devem ser respeitados e valorizados. Assim, a tutoria se faz necessária para orientar, gerir e supervi-

sionar o processo de ensino e de aprendizagem. Ao buscar estabelecer contato com o educando, o tutor busca delinear um perfil, identificando interesses, formas de se organizar, de estudar, de modo a acompanhar eficazmente sua trajetória acadêmica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 327-340, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2015

ALMEIDA, Fernando José de; ALMEIDA, Siderly do Carmo Dahle de; FERNANDES JUNIOR, Alvaro Martins. Cultura digital na escola: um estudo a partir dos relatórios de Políticas Públicas no Brasil. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 18, n. 58, p.603-623, 28 set. 2018. Pontifícia Universidade Católica do Parana - PUCPR. <http://dx.doi.org/10.7213/1981-416x.18.058.ds01>.

APPLE, Michael W. **Educação e poder**. Trad. de Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BACON, Francis, Viscount St. Albans. **Novum organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza**. Nova Atlântida. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

BAUMAN, Zygmunt; BORDONI, Carlo. **Estado de Crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BUENO, Silveira. **Dicionário da língua portuguesa**. S. Paulo: FTD, 2000.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DE MASI, Domenico. **O futuro chegou**: modelos de vida para uma sociedade desorientada. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação**: na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 38ªed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GREEN, Duncan. **Da pobreza ao poder**: Como cidadãos ativos e estados efetivos podem mudar o mundo. São Paulo: Cortez. Oxford: Oxfam International, 2009.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**: Uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4.ed. São Paulo: Loyola.2003.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, Brasília: Cortez, UNESCO [versão eletrônica], 2000.

NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os professores e a sua formação**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PALLOFF, Rena; PRATT, Keitth. **Aluno Virtual**: Guia para trabalhar com estudantes online. São Paulo: Penso, 2004. 216 p.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Currículo escolar e justiça social**: o cavalo de Troia da educação. Porto Alegre: Penso, 2013. 334 p.

SACRISTÁN, José Gimeno; GÓMEZ, Ángel I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. 396 p.

Artigo recebido em: 04/01/2019

Artigo aprovado em: 10/03/2019